

Uma Arte Irrequieta

'Men & Girls Dance' (Fevered Sleep)

Um caso de estudo de arte participativa



François Matarasso
Tradução de Isabel Lucena

Apoio

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Agradecimentos:

Luke Pell, Emily Jameson, Amelia Ideh (Fevered Sleep); Rachel Emmett (Dance 4)

Fotografia: nas páginas 1, 3, 5, 8 & 10 Benedict Johnson, por cortesia da Fevered Sleep

'Men & Girls Dance' (Fevered Sleep), Um caso de estudo de arte participativa

Publicado 2018

www.arestlessart.com

Texto © 2018 François Matarasso e Isabel Lucena

Fotografia © 2018 Benedict Johnson e François Matarasso

O direito de François Matarasso e Isabel Lucena de serem identificados respetivamente como autor e tradutora do trabalho é assegurado ao abrigo do Copyright, Designs and Patents Act 1988.

As opiniões expressas neste caso de estudo são do autor e não refletem necessariamente as da Fundação Calouste Gulbenkian

A distribuição deste trabalho é regulada nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 4.0 Internacional. Pode copiar, distribuir, ou apresentar a versão digital deste trabalho desde que: atribua o trabalho ao autor; o trabalho não seja utilizado para fins comerciais; e não altere, transforme ou adicione ao trabalho.

Data de publicação 17 julho 2018

‘MEN & GIRLS DANCE’ (FEVERED SLEEP)

‘Não me apercebi que tinha tanto a dizer sobre o assunto até começarmos esta conversa.’



O que é que vê?

Não me lembro quem me falou sobre um projeto de dança que envolvia homens e meninas, mas lembro-me da reação que tive: é uma péssima ideia. Meses mais tarde, por coincidência, deparei-me com a realidade do projeto durante a sua residência artística em Nottingham e essa tarde de sábado proporcionou-me das horas mais bonitas, comoventes, divertidas e animadas que alguma vez passei num teatro. Uma péssima ideia? Como fui tolo.

‘Algumas pessoas dançam por profissão, outras fazem-no por um período muito curto das suas vidas, geralmente quando são crianças, e nunca mais voltam a dançar.’

David Harradine¹

Os diretores artísticos da Fevered Sleep, Sam Butler e David Harradine, ficaram surpreendidos com a resistência com que se depararam ao iniciar a fase de investigação do projeto. O seu impulso original tinha sido de ordem estética – explorar como os corpos altos e treinados de adultos se iriam articular com os de crianças pequenas, e como as meninas com a sua paixão pelo ballet iriam responder à linguagem

da dança contemporânea. A reação das pessoas à ideia de homens a dançar com meninas, causou mudanças de imediato. Numa era em que se levantam questões intensas e fundamentadas sobre o abuso de poder que alguns adultos exercem sobre as crianças, a proposta era de facto arriscada.

Mas, para Butler e Harradine, essas ansiedades e os seus ecos ambíguos na comunicação social, eram novas razões para prosseguir. O projeto, que levou um pouco mais de três anos a desenvolver, adquiriu um slogan claramente político: *'Uma nova peça de dança que celebra o direito de adultos e crianças de estarem juntos, brincarem juntos e dançarem juntos.'*²

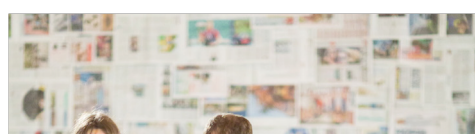
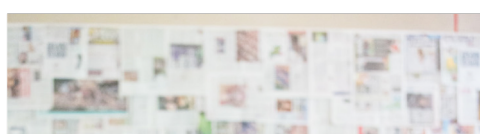
Na arte participativa, abordagens que tenham como base questões de direitos são sempre bem vistas. E, sendo o seu conceito o de unir crianças e adultos, aqueles que dançam por prazer com os que o fazem profissionalmente, os que não têm instrução com os altamente treinados, este trabalho tinha forçosamente que ser participativo. O projeto foi desenvolvido através de uma série de residências artísticas: Folkestone, Huddersfield, Salford, Nottingham e Brighton, terminando em Londres em 2017.³ Cada cidade foi trazendo consigo uma nova parceria, um novo grupo de crianças, e um espetáculo diferente. Em Nottingham, a Fevered Sleep foi acolhida nos estúdios urbanos da Dance 4, a agência de dança da cidade.

Como é que se movem?

A residência artística começa com um concurso divulgado pelo parceiro local e aberto a meninas entre os 8 e os 11 anos de idade. Mas a companhia faz também *workshops* em escolas, com o objetivo de conseguir envolver crianças que ainda não dançam ou que não tenham grande ligação às artes. Muitas das meninas que aparecem nesta audição em formato de *workshop* estão já a ter aulas de dança, geralmente de ballet, mas o que Butler e Harradine procuram é presença mais do que técnica. Seleccionam nove meninas que demonstram curiosidade, vivacidade e um grande gosto ao moverem-se em conjunto com os cinco bailarinos. A descrição de Harradine destes bailarinos como andaimes que circundam a peça, é metaforicamente e literalmente correta – eles suportam a estrutura central da coreografia, sobre a qual as nove recém-artistas se movem com agilidade e invenção. O que criam em conjunto durante as duas semanas de ensaio é diferente em cada cidade. Estas crianças são de facto cocriadoras do trabalho – a cada iteração, as suas ideias, movimento e presença reescrevem o espetáculo, que tem uma hora de duração.

Para Sam Butler, isso é um processo de desaprender tanto quanto de aprender:

É o desaprender do habitual acordo adulto/criança, que coloca os adultos nos papéis principais e as crianças em segundo plano. É o desaprender da separação entre crianças e adultos, entre homens e meninas. É o desaprender da ideia preconcebida que se tem dos corpos dos bailarinos, de quem pode e deve dançar e de quem não pode e não o deve fazer. É o desaprender de como aprender. É o desaprender a subestimar estas meninas, todas as meninas, estas crianças, todas as crianças.⁴



Não existe uma tentativa de evitar ou contornar o facto de que a companhia é composta por dois grupos de pessoas diferentes: a masculinidade dos homens é evidenciada pelas suas barbas viçosas. Mas não são eles quem comanda. Parte do sucesso desta peça reside na forma como o controle sobre o que se passa, ou irá passar de seguida, parece dançar constantemente entre um grupo e o outro, entre uma pessoa e a outra. Quem lidera e quem segue vai alternando como numa relação verdadeira. Aqui, a autoridade não é só física.

O espetáculo começa na incerteza, enquanto os grupos se entreolham sobre uma carpete de papel de jornal. Mãos estendem-se em convite. Postura e movimento são lentamente imitados. Estabelecem-se contactos hesitantes. Neste espaço de recreio, os homens recordam as suas infâncias enquanto as meninas brincam a ser crescidas. Algures no meio, quando os seus caminhos se cruzam, começam um jogo.

Para o design, cenário e adereços, é usado apenas papel de jornal. Os homens e as meninas encontram-se num espaço definido pelos *media*. No decorrer da hora que se segue assumem o seu controle. O que começa como uma cabra cega ou um bicho de sete cabeças, é domado e acaba por se tornar em objeto de gozo. Em placo, vão retirando as páginas de jornal em que está envolto um homem, levantam o papel bem alto como se se tratasse de um tapete voador, rolam pelo chão entre as suas dobras e, para terminar, fazem uma guerra de bolas de neve até o papel se transformar em mero lixo. O riso, a inocência e o movimento jovial correm com outras histórias para fora da sala.

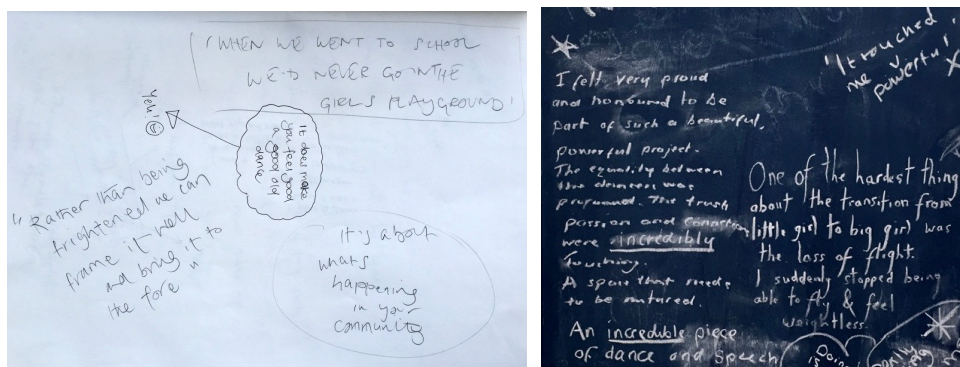
No coração desta peça, encontra-se o nosso fascínio pelos outros. Esse fascínio reclama para si a maravilha que é o observar, enquanto as meninas e os homens descrevem o que veem no corpo e nos movimentos de um dos seus parceiros: *'Ele está a fazer pontas com o pé esquerdo.'* *'Vejo-a a segurar o tornozelo com a mão esquerda.'* *'Ele está inclinado para trás a olhar o céu.'* No final, quando os artistas se alinham um a um em frente ao público para nos olhar, ao olhá-los de volta, ganhamos consciência do nosso olhar e, no entanto, encontramos um certo conforto em ver que é isso que as pessoas fazem. Achamo-nos infundavelmente observáveis, infundavelmente fascinantes.

O que é que havemos de dizer?

No entanto, apesar de todos os sorrisos e gargalhadas, vivemos no mundo em que vivemos e temos aqui muito para refletir. Antes do espetáculo, como homem, cercado de casais e famílias, senti-me desconfortável ao pensar se os outros me estariam a observar. David Harradine evoca essa experiência no jornal do projeto. *'Ali estava eu, um homem sem companhia, sozinho na festa da vila a observar as crianças dos outros enquanto brincavam. É uma autocensura: não me permitir observar, pelo medo de estar a ser observado.'*



O jornal mencionado é uma parte crítica do projeto, ele subverte o 'jornalismo de sarjeta' dos tabloides britânicos, adquirindo o seu formato para lhe mudar a qualidade. O resultado é um produto artístico que reúne imagens de apresentações e ensaios, crítica refletiva, memórias pessoais, documentos oficiais e reações do público. Reconhece as tensões inerentes ao projeto num formato atraente e acessível. Mas afirma também a convicção dos artistas de não se poder permitir que o mal feito por alguns envenene a relação literalmente vital entre adultos e crianças. Ter consciência não é o mesmo que ter desconfiança.



Em "Men & Girls Dance", o falar e o pensar são tão importantes como o movimento e o olhar. O terceiro elemento do projeto tem por título Talking Place (Local de Conversa), e foi através dele que o meu envolvimento começou. Ao caminhar pelo antigo mercado de Nottingham – Sneinton Market – passei por uma loja que tinha as portas abertas e um néon em que se lia: 'Estamos abertos, entrem'. Entrei, e dei comigo a conversar com Luke Pell, cuja tarefa é a de encorajar conversas sobre homens e meninas a dançar juntos. No meio de quadros de ardósia, fotografias e pratos de biscoitos, as pessoas sentavam-se para partilhar sentimentos, memórias e ideias sobre o projeto. Escreviam em blocos de apontamentos ou com giz na ardósia.

'A única coisa que me entristece, é já não ser uma menina que possa tomar parte.'
• *'Nunca tive nada assim da parte do meu pai, fico feliz que façam isto porque alguns pais não o fazem e é importante.'* • *'Não quero viver num mundo onde não se possa dar um abraço a alguém.'* • *'Estava uma criança presa no cimo de uma árvore no parque infantil e eu não tinha a certeza se devia ajudar.'* • *'É um momento em que nos podemos libertar sem juízos de valor.'* • *'São todos lindos. Maravilhoso, quero que eles o saibam.'*

Participantes no Talking Place de Nottingham

A seguir a cada residência, Luke Pell reflete sobre o debate no blog Men & Girls Dance:

*'As pessoas entraram e falaram sobre o que significa para si a fisicalidade,, o exercício e as atividades que fazem por prazer. Como o movimento, o suor, e o sorriso as fazem sentir bem. Observámos enquanto eram cuidadosamente escritas a giz, histórias sobre o que é dançar com homens, com alguém que se ama, com alguém em quem se confia. Ouvimos contar histórias da adolescência, sobre inibições e expetativas, isolamento e expressão...'*⁵

Não se procuram nem oferecem respostas, o objetivo é apenas encorajar a reflexão. Assim, em todos os aspetos deste trabalho – título, ensaio, apresentação, material impresso, conteúdo online e conversa – a linguagem é direta e simples. É difícil fugir ao discurso interno da própria profissão e fazê-lo não foi uma conquista menor para a Fevered Sleep. Como escreveu George Orwell, 'Se simplificar o seu inglês, liberta-se de uma das piores loucuras da ortodoxia.'⁶



Como é que me sinto?

Porque é que gosto tanto deste projeto? Tenho a certeza que é, em parte, por o espetáculo ter sido encantador. Lembrou-me de quando os meus próprios filhos eram

pequenos e da alegria trazida por essa intimidade. Ela passa e é substituída por outros tipos de intimidade, mas cada fase da relação entre pais e filhos é especial. Desde que a minha filha começou a falar que nunca mais a olhei nos olhos com a mesma intensidade: até então, a expressão da sua face era tudo o que tinha para entender o que ela queria. Por isso, sim, há uma dimensão pessoal – mas para que serve a arte se não para nos tocar a nível pessoal?

E essa sensação não iria chegar longe num projeto tão complexo e arriscado. Com tantos entraves que poderiam ter dissipado o meu entusiasmo. Superficialidade, exploração, arrogância, incompetência: são tudo questões que já vi em projetos participativos. Neste, vi cuidado, método, coragem, abertura e uma consciência ponderada dos riscos envolvidos – particularmente para quem é externo à companhia.

A experiência oferecida às crianças é de uma intensidade diferente de tudo o que já alguma vez conheceram. É natural que se afeiçoem aos homens com quem dançam e a outras pessoas da equipa: viram as suas ideias valorizadas e a seu desempenho celebrado. E depois acaba-se. Os artistas profissionais aprendem a lidar com o rescaldo da intimidade do processo criativo, mas isso seria pedir demais a uma criança de dez anos. Os 'cuidados continuados' oferecidos pela Fevered Sleep, que mantem contacto através de mensagens ou cartas pontuais, são um apoio e os parceiros locais, como a Dance 4 em Nottingham, oferecem um contacto prolongado e novas oportunidades para explorar a dança.

O elemento decisivo foi sentir que estes artistas estavam genuinamente mais interessados naqueles com quem trabalhavam do que nas suas próprias ideias. Isso era evidente no desempenho de cada dançarino e na conceção e execução do projeto. A soma das partes, constitui um todo com beleza, impacto político e integridade humana. Um truque difícil de executar.

'Senti orgulho e honra em tomar parte num projeto tão bonito e tão forte. A igualdade entre todos os que dançavam era profunda, a confiança, paixão e conexão foi incrivelmente comovente. Um aspeto que precisa de ser nutrido.'

Participante

Links

- Men & Girls Dance <https://www.menandgirlsdance.com>
- Fevered Sleep <http://www.feveredsleep.co.uk>
- Men & Girls Dance Trailer (Video) <https://vimeo.com/153937408>



Notas

- ¹ Arts Council England Blog: <https://www.artscouncil.org.uk/blog/men-and-girls-dance---five-questions-fevered-sleep>
- ² Fevered Sleep: <http://www.feveredsleep.co.uk/current/men-and-girls-dance/>
- ³ Em julho de 2018 a Fevered Sleep começou a trabalhar numa nova iteração de Men and Girls Dance com a Skånes Dansteater em Malmö, na Suécia: <https://www.skandesdansteater.se/en/performance-festival/men-girls-dance>
- ⁴ Escrito por Sam Butler, em maio de 2017 no [Fevered Sleep blog](http://www.feveredsleep.co.uk/underestimating-children/) <http://www.feveredsleep.co.uk/underestimating-children/>
- ⁵ Luke Pell: <https://www.menandgirlsdance.com/men-and-girls-dance-blog/2016/10/15/reflections-from-nottingham>
- ⁶ 'Politics and the English Language' (1946) em Orwell, G., 2000, *Essays*, London, p.359